



DOSSIÊ TEMÁTICO:

*A ÁFRICA SUBSAARIANA NO SISTEMA MIGRATÓRIO MUNDIAL*

Artigo



**VULNERABILIDADE DOS MIGRANTES IRREGULARES DA  
ÁFRICA SUBSAARIANA NA SUA TRAVESSIA PELO  
MEDITERRÂNEO EM BUSCA DE UM FUTURO MELHOR NA  
EUROPA**

**VULNERABILITY OF IRREGULAR MIGRANTS FROM SUB-SAHARAN  
AFRICA AS THEY CROSS THE MEDITERRANEAN IN SEARCH OF A  
BETTER FUTURE IN EUROPE**

**VULNERABILIDAD DE LOS INMIGRANTES IRREGULARES DEL ÁFRICA  
SUBSAHARIANA QUE CRUZAN EL MEDITERRÁNEO EN BUSCA DE UN  
FUTURO MEJOR EN EUROPA**

*Por Sádía Banú Sultuane Jethá*

*Sádía Banú Sultuane Jethá.*  
Mestre em População e Desenvolvimento.  
Universidade Eduardo Mondlane (UEM)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9010-2494>  
Contato: [sultanesadia@gmail.com](mailto:sultanesadia@gmail.com)

Como citar:  
JETHÁ, S. B. S. Vulnerabilidade dos  
migrantes irregulares da África subsaariana  
na sua travessia pelo Mediterrâneo em busca  
de um futuro melhor na Europa. **Boletim  
GeoÁfrica**, v. 3, n. 10, p. 78-94, abr.-jun.,  
2024.

Recebido: 03/07/2024  
Aceite: 10/07/2024



**RESUMO:** O estudo busca analisar a vulnerabilidade dos migrantes irregulares da África subsaariana na sua travessia pelo Mediterrâneo. Para isso, procurou-se descrever estes migrantes, apontar as causas que contribuem para a decisão de travessia, apresentar as rotas e as situações vividas pelos mesmos. Para o presente estudo optou-se pelo levantamento bibliográfico e documental, através de uma abordagem qualitativa e descritiva. Observou-se que o perfil dos migrantes é constituído por jovens, com baixas qualificações académicas e profissionais. Os motivos da travessia resultam dentre outros da dificuldade económica e insegurança nos seus países. Os migrantes fazem uso de 4 rotas migratórias, enfrentando riscos e desafios. Pode-se concluir que durante a travessia os migrantes perdem os seus direitos e dignidade, considera-se importante a implementação de políticas e estratégias que garantam uma migração segura que respeite o migrante.

**PALAVRAS-CHAVE:** Vulnerabilidade. Migrantes irregulares. África Subsaariana. Mediterrâneo.

**ABSTRACT:** The study seeks to analyse the vulnerability of irregular migrants from sub-Saharan Africa as they cross the Mediterranean. To do this, it sought to describe these migrants, point out the causes that contribute to the decision to cross, present the routes and the situations they experience. For this study, we opted for a bibliographical and documentary survey, using a qualitative and descriptive approach. It was observed that the profile of the migrants is made up of young people with low academic and professional qualifications. The reasons for crossing the border are, among other things, economic hardship and insecurity in their countries. The migrants use four migratory routes, facing risks and challenges. It can be concluded that during the crossing migrants lose their rights and dignity, it is considered important to implement policies and strategies that guarantee safe migration that respects the migrant.

**KEY-WORDS:** Vulnerability. Irregular migrants. Sub-Saharan Africa. Mediterranean.

**RESUMEN:** El estudio pretende analizar la vulnerabilidad de los inmigrantes irregulares procedentes del África subsahariana en su travesía por el Mediterráneo. Para ello, buscamos describir a estos migrantes, señalar las causas que contribuyen a la decisión de cruzar, presentar las rutas y las situaciones que viven. Para este estudio, optamos por una encuesta bibliográfica y documental, utilizando un enfoque cualitativo y descriptivo. Se observó que el perfil de los migrantes está compuesto por jóvenes con baja cualificación académica y profesional. Los motivos para cruzar la frontera son, entre otros, dificultades económicas y la inseguridad en sus países. Los migrantes utilizan cuatro rutas migratorias, enfrentándose a riesgos y desafíos. Se puede concluir que durante la travesía los migrantes pierden sus derechos y dignidad, se considera importante implementar políticas y estrategias que garanticen una migración segura que respete al migrante.

**PALABRAS CLAVE:** Vulnerabilidad. Migrantes irregulares. África subsahariana. Mediterráneo.



## INTRODUÇÃO

As migrações internacionais são um dos fenómenos demográficos com mais influência na sociedade, provocando alterações nos países de origem e de destino dos migrantes (NUNES 2014). De acordo com Kühner (2019) o número total de emigrantes dos países da África Subsaariana no mundo cresceu 31% entre 2010 e 2017, superando a taxa de aumento tanto da região Ásia Pacífico (15%) como da região América Latina-Caribe (9%).

Conforme a Organização Internacional para as Migrações (OIM, 2024), durante o período 2000 e 2020, a Europa recebeu cerca de 30 milhões de migrantes internacionais. Embora a proximidade geográfica seja um factor fundamental no desfecho do processo de mobilidade humana, várias outras razões levam a Europa a ser um dos principais destinos finais dos fluxos migratórios, sendo o desenvolvimento económico do continente, por exemplo, uma das motivações (GUIMARÃES e MATOS, 2023).

Segundo Kühner (2019) a taxa de imigração em países da Europa Ocidental altamente industrializados acelerou significativamente nas últimas décadas. Os africanos não documentados constituem uma proporção crescente desses imigrantes. Esta corrida pela Europa torna-se de risco, pois segundo o relatório da OIM (2020) migrantes de países da África Subsaariana, por exemplo, embarcam frequentemente em viagens altamente perigosas para o Norte de África, incluindo através do deserto do Saara, com destino à Líbia ou Marrocos, para depois seguirem através da rota mediterrânica para Itália ou Espanha. Não é conhecido o número de pessoas que perdem a vida em rotas de contrabando e de tráfico antes de chegar ao mar, mas acredita-se que pelo menos 507 pessoas morreram ou desapareceram no mar Mediterrâneo Central e Ocidental em 2019, e 3.129 em 2023 segundo a ONU. Os sobreviventes enfrentam abusos de direitos humanos em sua jornada desde a África Subsaariana até o norte da África, incluindo tortura, espancamentos, extorsão e escravidão forçada, Agência de Refugiados da ONU (ACNUR, 2019, 2023).

Diante do que acima foi exposto questiona-se: O que leva estes migrantes a decidirem por esta travessia de risco? Qual tem sido o posicionamento dos governos africanos mediante esta situação? Que acções são realizadas pelos governos africanos para a contenção dos fluxos migratórios pelo mediterrâneo? Por conseguinte, objectiva-

se: analisar a vulnerabilidade dos migrantes irregulares da África subsaariana na sua travessia pelo mediterrâneo, procurando caracterizar? os migrantes que atravessam pelo mediterrâneo, sua origem, destino e perfil sociodemográfico; apontar as causas que contribuem para a decisão de travessia; e apresentar as rotas e situações vividas pelos mesmos durante o seu percurso.

## **METODOLOGIA**

Para a elaboração do presente trabalho, seguiu-se a pesquisa qualitativa descritiva através do qual se procurou entender o processo de travessia do Mediterrâneo pelos migrantes da África Subsaariana, perceber quem são esses migrantes, de onde partem e para onde se dirigem qual o motivo de decidir por uma travessia de risco, quais as rotas seguidas por eles, e em que condições essas travessias são feitas. Para Gil (2008) este tipo de pesquisa tem como preocupação central a descrição das características de determinada população ou fenómeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis, pretendendo determinar a natureza dessa relação.

Serviu-se também das pesquisas bibliográfica e documental realizada a partir de livros, jornais, revistas, artigos científicos e informações publicadas em diversos órgãos, relatórios e canais, onde se fez a leitura e análise do material colectado. No que se refere a técnica de análise de dados foi usada a análise do conteúdo onde fez-se uma leitura do material colectado com vista a organização das ideias iniciais colocadas pelo quadro teórico com o intuito de compreender o processo de vulnerabilidade a que estão sujeitos os migrantes irregulares durante a travessia pelo Mediterrâneo.

## **CONCEITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL E SUAS ABORDAGENS**

O conceito de vulnerabilidade tem sido utilizado em várias disciplinas, em particular das Ciências da Saúde e das Ciências Sociais e Humanas (GUARNIERI, 2018). Existem diferentes concepções de vulnerabilidade, bem como de propostas para o enfrentamento de tal problema contemporâneo (RESENDE e RIBEIRO, 2017). De acordo com Mendes (2018), independentemente das perspectivas diferentes adoptadas pelos vários autores, parece haver consenso quanto ao facto de a vulnerabilidade social não ser uma simples consequência da exposição aos perigos, mas sim o resultado de

82

condições de desigualdade social que precedem a ocorrência desses processos, e que podem estar relacionados com factores como a pobreza, a idade, o sexo ou a classe social. Como explicam Resende e Ribeiro (2017) um indicador importante da vulnerabilidade é percebido a partir de uma análise a respeito da capacidade de um indivíduo, família ou grupo social de controlar as forças que afectam seu bem-estar e, também, de aproveitar as oportunidades propiciadas pelo Estado, mercado e/ou sociedade. Já para diversos autores, a vulnerabilidade social é o conceito que traduz a propensão da população para os impactos negativos dos perigos e dos desastres (CUTTER ET AL., 2003; LASKA e MORROW, 2006 citados por CUTTER, 2011). Conforme explica Cutter (2011), a vulnerabilidade social ajuda a compreender a distribuição dos riscos e das perdas potenciais, ou seja, a relação existente entre as populações vulneráveis e os ambientes naturais vulneráveis. Ela identifica as características da população que aumentam ou diminuem a sua capacidade de preparação para resposta a e recuperação de um acontecimento perigoso ou de um desastre.

De acordo com Cutter (2011) existe um indicador para quantificar a vulnerabilidade social de lugares específicos designado por *Social Vulnerability Index* – SoVI (Índice de Vulnerabilidade Social), sendo este índice uma avaliação quantitativa das características que influenciam a vulnerabilidade social aos riscos (pré - acontecimentos) e facilita a comparação entre unidades geográficas (distritos, secções censitárias) em termos dos seus níveis relativos de vulnerabilidade social. Desta forma, o SoVI consegue apreender a natureza multidimensional da vulnerabilidade social. Destacam-se também o Sistema de Informação Geográfica (SIG), o Geoprocessamento e os produtos do Sensoriamento Remoto, que permitem integrar técnicas aos conceitos teóricos, além de possibilitarem o armazenamento de diversos tipos de dados geográficos (MANTOVANI; BUENO, 2021), outra abordagem apontada por Cutter (2011) é o recurso à cartografia bivariada, através da técnica da geovisualização bivariada em que a exposição ao risco e a vulnerabilidade social são representadas num mapa coropleto com três categorias (elevada, média e baixa).

Cutter (2011) apresenta na Tabela 1 algumas das características sociais que influenciam a vulnerabilidade social.

**TABELA 1** – Exemplos de características que influenciam a vulnerabilidade social

Conceito	Fundamentação	Variável	Natureza da influência
Populações com necessidades especiais	Difíceis de identificar (doentes ou temporárias), muitas vezes invisíveis nas comunidades.	População sem abrigos Residentes em lares	Aumenta
Idade	Afecta a mobilidade; requer cuidados especiais; maior susceptibilidade para se magoar.	Idosos Crianças	Aumenta Aumenta
Estatuto socioeconómico	Capacidade de absorver danos e de recuperar; mais bens materiais a perder.	Ricos Pobres	Diminui Aumenta
Raça e etnia	Barreiras linguísticas e culturais; falta de acesso a recursos pós-desastre; tendência para ocupar zonas de perigosidade elevada.	Hispânicos (nos EUA)	Aumenta
Sexo	Empregos com altas taxas de feminização podem ser afectados; salários mais baixos; tarefas de prestação de cuidados.	Mulheres	Aumenta
Tipo de habitação e título de propriedade	Com frequência, os inquilinos não têm seguro nem investem na comunidade; tipo de habitação e construção.	Inquilinos Habitações móveis	Aumenta Aumenta

Fonte: Adaptado por Heinz Center, 2002; Cutter *et al.*, 2003.

## QUEM SÃO OS MIGRANTES IRREGULARES DA ÁFRICA SUBSAARIANA, DE ONDE VÊM E PARA ONDE VÃO?

O continente africano tem sido uma das zonas do mundo de onde partem ou por onde passam consideráveis fluxos migratórios, que configuram as regiões de maior conflitualidade, risco e insegurança, aliados aos mais baixos Índices de Desenvolvimento Humano e económico, mas também de elevada massa populacional jovem (AGOSTINHO, 2022).



Segundo Hovy *et al.*, (2020) em África estima-se que 47% de todos os migrantes internacionais são do sexo feminino, a idade média dos migrantes internacionais (30,9 anos) são cerca de 10 anos mais baixas do que a do mundo inteiro. Em 2019, a África era o continente com migrantes internacionais mais jovens, com uma idade média de 27,0 anos. Segundo Beat Schuler, coordenador Regional para a Protecção do ACNUR Sul da Europa, as migrações assumem, agora, características mistas, entre migrantes económicos, refugiados e deslocados. Fala-se também de menores não acompanhados, mulheres vítimas de violações e traficadas para a escravatura sexual ou vítimas de tortura (SCHULER, 2014 *apud* FIGUEIREDO, 2016).

Nota-se uma intensa migração irregular na África subsaariana, em maioria de jovens, dentre os quais quase metade são mulheres. Verifica-se ainda a presença de menores não acompanhados neste processo migratório, sujeitos a várias adversidades durante o seu percurso. Através do norte de África observa-se um corredor migratório, por onde transitam migrantes vindos da África Subsaariana com destino a Europa.

Historicamente, os Estados do Norte de África têm sido países de origem, trânsito e destino. Marrocos e Líbia têm sido alvos de migrantes da África Subsaariana à procura de trabalho (DE HAAS, 2008 *apud* BLACK e HIGHMAN, 2020). A Líbia, em particular, tornou-se o principal país de partida das travessias de barco para a Europa e como de acolhimento de migrantes em situações irregulares. Nos últimos anos atravessaram pelo mediterrâneo diversos imigrantes da África Subsaariana maioritariamente vindos de países como Eritreia, Nigéria, Gâmbia, Somália, Sudão, Mali, Costa do Marfim, Guiné, Senegal (AGOSTINHO, 2022).

## **POR QUE MIGRAR PARA A EUROPA APESAR DOS DIVERSOS DESAFIOS E RISCOS?**

Conforme relata Kühner (2019), em 2015 a rede de comunicação *Al Jazeera* realizou uma reportagem sobre um centro de detenção de imigração na Líbia, o qual explanou que muitos migrantes deixaram seus países? Devido à falta de segurança e por enfrentar grandes dificuldades económicas. Por estes motivos, estes cidadãos estão dispostos a arriscar suas vidas ou enfrentar uma possível prisão para saírem das dificuldades que a África lhes traz.



Segundo Figueiredo (2016) os conflitos da Primavera Árabe, cenário de convulsões políticas, de instabilidade social e de graves conflitos étnicos, assim como os conflitos religiosos, a pobreza e a guerra em grandes zonas de África, contribuem na atração de fluxos migratórios ao sul da Europa. A crise alimentar e nutricional no Sahel são um exemplo, agravada pela rápida sucessão de crises e pela escassez de serviços básicos, reflectindo-se previsivelmente em novos fluxos migratórios (FERREIRA, 2017). Já para Figueiredo (2016, p.77) “na verdade, estes já não procuram apenas uma vida melhor, mas tão somente uma vida, sobreviver, pois mais não fazem que fugir da morte certa, da fome e miséria que existe nos seus países de origem”. Ainda de acordo com a OIM (2024) as restrições de vistos para cidadãos de países com baixos níveis de desenvolvimento humano contribuem para a imigração ilegal, sendo as vias irregulares a opção mais realista aos potenciais migrantes destes países.

Para Santos e Martuscelli (2017) diversas causas contribuem para a migração feminina. As meninas que estudam têm sofrido o risco de perseguição em países africanos como a Nigéria. Outra situação é o medo de recrutamento como meninas soldadas, principalmente para serem empregadas como servas sexuais. Outros problemas referem-se ao casamento infantil, e o risco de sofrerem mutilação genital feminina (MGF). Por outra as que se recusem a se casar podem ser agredidas, sofrerem exclusão e até serem mortas por suas famílias e comunidades tradicionais.

Diversos motivos têm contribuído para um aumento significativo da migração na África Subsaariana: problemas económicos, políticos, ambientais e sociais, fome e miséria são as causas que mais contribuem para uma busca de sobrevivência, segurança e bem-estar. As adolescentes representam o grupo mais fragilizado dos migrantes irregulares, pelo simples fato de serem e terem nascido mulheres e estarem sujeitas a insegurança e violência com base no gênero nos seus próprios países de origem, lugar onde deveriam ter a sua segurança e proteção garantida.

"O actual cenário de conflitos geopolíticos e ambientais tornaram a Europa um local atractivo para a realização de oportunidades de uma vida melhor para muitos indivíduos – para milhares deles talvez seja a única hipótese de sobreviver à guerra, à fome ou à doença" (FIGUEIREDO, 2016, p. 26). Há razões bem fundamentadas para crer que esta tendência irá acelerar, uma vez que a África Subsaariana tem provavelmente um maior potencial para a imigração na União Europeia do que qualquer outra região do mundo (KOHNER, 2007 *apud* KÜHNER 2019).



## VULNERABILIDADE DOS MIGRANTES IRREGULARES NA SUA TRAVESSIA PELO MEDITERRÂNEO

Para Figueiredo (2015), no quadro das Nações Unidas os migrantes são considerados como um grupo vulnerável da população, estando especialmente sujeitos a vulnerabilidades estruturais que se traduzem em maiores entraves jurídicas ou de outra ordem no exercício de escolhas e na reivindicação dos seus direitos a apoio e protecção em caso de crises. Para Ferreira:

Os migrantes e os refugiados são populações especialmente vulneráveis, por variadas razões. Desde logo, no seu deslocamento, estão sujeitos a diversos tipos de riscos, incluindo violência, exploração, tráfico e abuso sexual com base no género. As crianças, as mulheres, pessoas que necessitam de tratamento urgente, idosos e pessoas com deficiência necessitam urgentemente de protecção humanitária e acesso a serviços básicos (FERREIRA, 2017, p. 27).

Para Ávila (2005) quando se trata de pessoas sem documentação ou irregulares os custos psicológicos e sociais são bem maiores, muitas vezes incluindo a vulnerabilidade e o temor perante a possibilidade da detenção e deportação, abusos de autoridades, discriminação, humilhações e outras violações aos seus direitos humanos.

Conforme (KÜHNER, 2019, p. 22):

Relatórios indicam que centenas de milhares de emigrantes do sul do deserto do Saara reuniram-se na Líbia na esperança de atravessar o Mediterrâneo para a Europa, muitas dessas pessoas ainda vivem em acampamentos cheios de criminalidade, enquanto esperam para fazer a viagem, e ainda sofrem com a possibilidade de alguns serem vendidos em leilões de escravos (KÜHNER, 2019, p. 22).

Refugiados e imigrantes enfrentam maiores riscos de sofrerem violência, extorsão e exploração incluindo estupro, sexo por sobrevivência, tráfico humano e de órgãos. Adolescentes e mulheres, pela discriminação que elas já sofriam antes da situação de deslocamento forçado e especialmente aquelas que migram sozinhas, possuem maiores riscos de sofrerem violências, incluindo a sexual por parte de atravessadores, coiotes e autoridades nos países de origem, destino e trânsito (UNGA



2016; UNHCR, 2016; UNICEF, 2016c citados por SANTOS e MARTUSCELLI, 2017).

Conforme ainda explicam Santos e Martuscelli (2017) os dados da ACNUR (2016) apontam que o quadro das adolescentes desacompanhadas é ainda mais alarmante, pois se tornam alvos de prostituição como forma de pagar os contrabandistas de migrantes e assim continuar ou mesmo transpor as fronteiras estatais. Esta situação não se limita a uma única localidade, sendo relatados constantes casos de violações aos direitos humanos de crianças refugiadas do gênero feminino em países europeus e na Líbia, por exemplo. As adolescentes que migram principalmente sozinhas correm maior risco de serem capturadas por redes de tráfico humano e de trabalho forçado. Ademais, elas correm maior risco de sofrerem violência sexual durante o percurso migratório e por consequência, engravidarem em condições precárias de seus agressores (*Ibid.*).

Como refere Ferreira (2021) sendo a Líbia um Estado em situação de grande fragmentação, instabilidade e fragilidade, existem também muitas evidências de violações de direitos humanos das pessoas retidas no país, muitas em campos de detenção, incluindo tráfico humano, tortura, desaparecimentos e outros crimes graves. Essas acusações já motivaram uma investigação por parte do Tribunal Penal Internacional sobre crimes relacionados com os migrantes.

Como consequência da migração irregular, os migrantes tornam-se pessoas vulneráveis, desprovidas de proteção, segurança e de seus direitos como seres humanos, passando por diversos tipos de violência e hostilidades. Nesse sentido, Ferreira (2021) explica que a vulnerabilidade dos migrantes está ainda marcada, de forma especialmente pesada e intensa, no perigo a que estão frequentemente sujeitos nas suas travessias.

Percebe-se a vulnerabilidade dos migrantes irregulares durante a sua travessia tanto por via terrestre como pelo mar, onde estes correm risco de vida, desaparecem e em muitos casos morrem sem terem sido identificados ou registados, o que torna os dados sobre este tipo de migração difíceis de encontrar e registrar, o Mediterrâneo tem sido apontado como a rota migratória em que mais se verificam mortes ou desaparecidos e por onde passam grande parte dos migrantes irregulares vindos maioritariamente da África Subsaariana. Como evidencia Agostinho (2022, p. 93):

“São comuns e frequentes naufrágios de migrantes africanos durante a tentativa de travessia para o continente europeu, com destinos que variam



entre a Grécia, Itália, Espanha e Malta, para não descurar as vítimas por terra ou danos colaterais do conflito armado pelo poder na Líbia entre o campo de Haftar e o de Al Serraj, como é o caso de um bombardeamento que atingiu o Centro de Detenção de Tajoura, em Trípoli em 2019, tirando a vida a cerca de 50 emigrantes.”

Um inquérito realizado em 2019 envolvendo 12.913 migrantes concluiu que as necessidades básicas destas eram, em grande parte, insatisfeitas 74 por cento relatam falta de acesso aos serviços de saúde e 18 por cento de água potável ou instalações sanitárias e de higiene (BLACK e HIGHMAN, 2020). Ademais Carneiro e Veiga (2004) citados por Janczura (2012) entendem que em sociedades baseadas em economia de mercado, a pobreza representa a primeira aproximação da maior exposição a riscos, principalmente em contextos em que famílias pobres não contam com uma rede pública de protecção social. A ausência de recursos materiais alimenta condições precárias de saúde e de nutrição, moradias precárias em locais ambientalmente degradados e condições sanitárias inadequadas (necessidades insatisfeitas).

Têm sido conhecidas as condições degradantes e inaceitáveis de vários Centros de Recepção e Identificação, que na prática são campos de detenção, uma vez que as pessoas estão impedidas de sair. A sobrelotação, a falta de acesso a serviços básicos (incluindo saneamento e cuidados de saúde) e até a falta de segurança que afecta particularmente os mais vulneráveis, como as crianças e mulheres, geram inevitavelmente tensões sociais (FERREIRA, 2021).

Agostinho (2022), servindo-se dos dados da ONU (2019), observa que embora o quadro da política emigratória da África Subsaariana considere a migração irregular uma matéria de grande preocupação, ela possui a mais baixa percentagem em termos de estratégias formais para o combate ao tráfico de seres humanos e o contrabando de migrantes, ou ainda a realização de campanhas de informação e consciencialização destes, se comparado com a América Latina e Caribe.

Verifica-se uma inexistente intervenção dos países de origem destes migrantes, bem como dos diversos organismos ao nível de África na contenção destes problemas migratórios, agravando ainda mais a vulnerabilidades dos migrantes irregulares abandonados a sua sorte, pois este assunto de migração irregular mostra-se irrelevante para os países ao sul do Saara e até mesmo para os demais organismos a nível local,



reflectindo-se na ausência de políticas e estratégias eficazes no combate a migração irregular, contrabando, tráfico de migrantes e no repatriamento dos mesmos aos seus países de origem.

Dessa forma Agostinho (2022) aponta que o reduzido número de políticas migratórias e a forte desarmonia entre elas têm, pois, graves efeitos no descontrolo dos enormes fluxos que transitam de forma irregular e insegura para os pontos de partida situados na Líbia, além de não permitir uma maior e melhor concertação de esforços e vontades políticas para repatriar e realojar cidadãos africanos interessados em abandonar os centros de detenção naquele país. Conforme Ferreira (2021) no Mediterrâneo Central, a rota migratória mais mortífera do mundo, as posições de Itália e Malta têm evoluído no sentido de um tratamento cada vez mais hostil aos migrantes e refugiados, bem como das organizações que os apoiam.

Dessa forma, Carneiro e Veiga (2004) citados por Janczura (2012) concluem que vulnerabilidades e riscos remetem às noções de carências e de exclusão. Pessoas, famílias e comunidades são vulneráveis quando não dispõem de recursos materiais e imateriais para enfrentar com sucesso os riscos a que estão submetidas, nem de capacidades para adoptar cursos de acções/estratégias que lhes possibilitem alcançar patamares razoáveis de segurança pessoal/colectiva. Em outro sentido Agostinho (2022) refere que a política migratória ineficaz, descoordenada e não solidária que caracteriza a África Subsaariana, não promove medidas efectivas destinadas a salvar vidas de africanos que naufragam no Mediterrâneo nem de busca de desaparecidos dos naufrágios, que deveriam ser poupados se se observasse o artigo 10.º, 10.7 dos ODS (Objectivos do Desenvolvimento Sustentável).

Para Ferreira (2017, p. 27) "tanto os países desenvolvidos como os países em desenvolvimento são confrontados, cada vez mais, com estas questões e com a necessidade de implementarem políticas de gestão das migrações que deem uma resposta sustentável e coerente a esses desafios". Como assegura Figueiredo (2015) a única forma de assegurar um progresso resiliente e sustentável passa, por colocar a redução das vulnerabilidades no centro das futuras agendas do desenvolvimento. A imigração é cada vez mais vista como um problema de segurança e o seu carácter global sugere a necessidade de aprofundamento do *nexus* imigração-segurança (FERREIRA, 2021).

## CONCLUSÃO

As migrações irregulares têm sido destaque nos últimos anos onde se assiste a um crescente fluxo migratório através do Mediterrâneo a partir do norte de África. Esse movimento tem colocado em situação de risco e vulnerabilidade social os migrantes irregulares na sua tentativa de travessia para a Europa.

De uma forma geral, foi possível constatar que os migrantes irregulares que atravessam o Mediterrâneo são compostos maioritariamente por jovens, com idade média de 27,0 anos, entre os quais a metade é de mulheres. Nota-se também a existência de menores desacompanhados, todos eles com baixos níveis de desenvolvimento humano e baixas qualificações académicas e profissionais. Estes migrantes são oriundos da África Subsaariana, vindo de países como Eritreia, Nigéria, Gâmbia, Somália, Sudão, Mali, Costa do Marfim, Guiné, Senegal.

Entre as causas da migração para a Europa figuram riscos e vulnerabilidades políticos, económicos, sociais e ambientais. Mas, ao mesmo tempo, percebe-se que estes migrantes já não procuram apenas uma vida melhor, mas sim uma oportunidade de sobrevivência, pois fogem de uma morte certa, da fome e miséria nos seus países de origem. Destaca-se também uma particularidade na migração feminina no que se refere à falta de segurança nos seus países de origem pelos simples facto de serem mulheres, e estarem sujeitas a insegurança e violência com base no género.

No que se refere às rotas utilizadas para a travessia do Mediterrâneo, foi possível verificar que existem duas rotas notavelmente bem conhecidas para a travessia: a Rota Ocidental e a Rota Central. Evidenciam-se ainda a Rota marítima do Senegal, Mauritânia e Marrocos até às Ilhas Canárias Espanholas, e a Rota terrestre do Níger até ao Norte de África.

Observou-se que os migrantes se encontram vulneráveis em diferentes contextos, desde o início do seu deslocamento. Estão sujeitos a diversos tipos de riscos, incluindo violência, exploração, tráfico e abuso sexual com base no género e morte. Os migrantes sofrem violações de direitos humanos quando retidos em campos de detenção, sofrem tortura, desaparecem e sofrem outros crimes graves, que resultaram já numa investigação por parte do Tribunal Penal Internacional.

Em geral, pode afirmar-se que a vulnerabilidade dos migrantes irregulares tenderá a piorar ao longo dos próximos anos devido a fraca ou inexistente intervenção



dos países de origem e dos diversos organismos a nível continental na contenção dos fluxos migratórios irregulares, pois grande parte das políticas e acções são ineficazes e sem medidas concretas na contenção dos fluxos.

Tendo em vista o alcance dos objectivos da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável que reconhece a contribuição dos fluxos migratórios para o desenvolvimento dos países, deve-se apostar em acções que tenham efeitos na contenção dos fluxos migratórios e que incentivem uma migração segura, ordenada e que respeite os migrantes e seus direitos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACNUR- Agência de Refugiados da ONU (2019). **Perspectiva Global Reportagens Humanas**. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/06/1677961>. Acesso em 12 de Maio, 2024.

ACNUR- Agência de Refugiados da ONU (2024). **Perspectiva Global Reportagens Humanas**. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2024/03/1828737>. Acesso em 20 de Maio, 2024.

AGOSTINHO, I. Traços da política de emigração da África Subsaariana. Fluxo ou refluxo da Agenda 2030? **Africana Studia**, N.º 38, 2022, Edição do Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, pp. 89-99.

ÁVILA, C. F. D. Migração, globalização e relações internacionais: em busca de novas interpretações fundamentadas em evidências latino-americanas recentes. **Universitas (Relações Internacionais)**, v. 3, n. 2, p. 1-18, 2005.

BLACK, J. e HIGHMAN, M. **A questão de dados: O desafio da avaliação da migração irregular em África**. Relatório sobre migração em África, pp. 29-41. 2020.

CUTTER. S. L. Risco, vulnerabilidade social e cidadania. **Revista Crítica de Ciências Sociais** [Online], n. 93, 2011.

FERREIRA. P. M. **Migrações e Desenvolvimento**. Projecto "Coerência.PT: O Eixo do Desenvolvimento mais justo, mais digno, mais sustentável", FEC - Fundação Fé e Cooperação e pelo IMVF – Instituto Marquês de Valle Flôr. 2017.

——— **Desenvolvimento e Migrações: Contradições e Tendências**. Projecto "Coerência na Presidência: Advocacia pelo Desenvolvimento Global", FEC - Fundação Fé e Cooperação e o IMVF - Instituto Marquês de Valle Flôr, Lisboa, 2021.

FIGUEIREDO. L. **Migrações e Demografia**. Setembro de 2015. Disponível em: [https://www.instituto-camoes.pt/images/cooperacao/aed\\_ficha\\_migrdemogrf.pdf](https://www.instituto-camoes.pt/images/cooperacao/aed_ficha_migrdemogrf.pdf). Acessado em 30 de Abril de 2024.



FIGUEIREDO, P. A. C. **União Europeia, imigração e ética**. Trabalho de Conclusão de Curso de Mestrado em Estudos sobre a Europa. Universidade Aberta. 2016.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**, 6ª edição, São Paulo: Atlas, 2008.

GUARNIERI, P. K. **Crianças e jovens em situação de vulnerabilidades e a naturalização da(s) violência(s)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação, para obtenção do título de Mestre em Educação, Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, Centro de Educação e Ciências Humanas - CECH São Carlos 2018.

GUIMARÃES, G. B.; MATOS, A. C. B. P. Uma Europa forte e unida? O desenvolvimento do projecto europeu de integração à luz da gestão das crises migratórias. **Revista de Direito Internacional**, v. 20, n. 2, 2023.

HOVY, B.; LACZKO, F. e KOUASSI, R. N. Migração africana: Uma visão geral das principais tendências. In: UNIÃO AFRICANA (UA). **Relatório sobre migração em África**. Desafiando a narrativa. Addis Abeba : UA/OIM, 2020.

JANCZURA, R. Risco ou vulnerabilidade social? **Textos & Contextos** (Porto Alegre), v. 11, n. 2, p. 301 - 308, Ago./Dez. 2012.

KÜHNER, A. L. D. **Migrações subsaarianas: raízes e soluções**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares) – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2019.

MANTOVANI, J. R.; e BUENO, G. T. Uma proposta metodológica para mapear a dissecação do relevo e aplicá-la no Parque Nacional da Serra da Canastra-MG. **Geosp**, v. 25, n. 1, p.1-19, Abr. 2021.

MENDES, J. M. Risco, vulnerabilidade social e resiliência: conceitos e desafios. **Revista Gestão e Sustentabilidade Ambiental**, Florianópolis, v. 7, n. Esp, p. 463-492, Jun. 2018.

NUNES, I. S. **Migrações Sul-Sul na África Subsaariana no início do Século XXI**. Dissertação apresentada, para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Cooperação Internacional, Lisboa School of Economics & Management, Março de 2014.

OIM – Organização Internacional para as Migrações. **World Migration Report 2020**. 2020. Disponível em: <https://publications.iom.int/books/world-migration-report-2020>. Acessado em: 20 de Maio 2024.

\_\_\_\_\_. **World Migration Report 2024**. 2024. Disponível em: <https://worldmigrationreport.iom.int/>. Acessado em 03 de Maio de 2024.

RESENDE, C.C. e RIBEIRO, L. P. Breve ensaio sobre o conceito de vulnerabilidade social: exclusão social, trabalho, democracia e empoderamento. **Percursos Académicos**



(Revista Interdisciplinar da PUC Minas no Barreiro), Belo Horizonte, v. 7, n. 14, Jul./Dez. 2017.

SANTOS, I. D. C. e MARTUSCELLI. P. N. Protecção internacional e meninas refugiadas: onde elas estão? **Travessia - Revista do Migrante**, n. 80 (Dossiê crianças migrantes e refugiadas), p. 41-60, Jan./Jun. 2017.